

## A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA EM SÉRIES DE DOCUMENTÁRIO

Por Guilherme Bryan, com colaboração de Rodrigo Sampaio

### RESUMO

O presente artigo visa demonstrar como a parceria criativa entre diretor e diretor de fotografia é essencial para a qualidade de qualquer obra audiovisual. Para tal finalidade, os autores Guilherme Bryan e Rodrigo Sampaio relatam de que modo se relacionaram na realização de duas séries documentais para a televisão a cabo – “100 anos de samba”, exibida em 2014 pelo canal Brasil; e “Os Anos 80 Estão de Volta”, exibida também em 2014 pelo Curta! e, em 2017, pelo Viva. Foram utilizados como referenciais teóricos o livro do cineasta e professor Carlos Gerbase, “Cinema Primeiro Filme” (2012); e o livro do diretor de fotografia Edgar Moura, “50 Anos Luz, Câmera e Ação” (1999). E o resultado é que a direção de fotografia, em comum acordo com a direção da série, tem o papel fundamental de realçar o conteúdo dos depoimentos que servem como linha-mestra para a condução do telespectador pela narrativa audiovisual.

A fotografia é essencial na realização de quaisquer produtos audiovisuais – sem luz não é possível realizá-los – e vai muito além dos aspectos técnicos, pois, em essência, está diretamente ligada à forma com que se quer expressar uma determinada narrativa. A maneira como se ilumina uma determinada cena, locação, etc., resultará em imagens completamente distintas. O italiano Vittorio Storaro, responsável pela fotografia de clássicos como “Último Tango em Paris” (1972), “Apocalypse Now” (1979) e “O Último Imperador” (1987), gostava de afirmar que ele era “um escritor que escrevia com a luz” (citação do livro de Edgar Moura, “50 Anos Luz, Câmera e Ação” (Senac, 2001). Para confirmar, assista ao excelente documentário “Iluminados”, realizado por Cristina Leal, em 2007.

O cineasta, professor e pesquisador Carlos Gerbase afirma, no livro “Cinema Primeiro Filme” (Artes e Ofícios, 2012), que um bom fotógrafo é um

sujeito que conhece tecnologia, mas também conhece a linguagem cinematográfica (podemos aqui estender à linguagem audiovisual como um todo) e tem sensibilidade para direcionar o seu trabalho em função da proposta do filme como um todo.

Já o diretor de fotografia Edgar Moura, de filmes como “Gaijin, Caminhos da Liberdade” (1979), “Cabra Marcado Para Morrer” (1984) e “A Hora da Estrela” (1985), conta que todas as luzes e efeitos da fotografia estão à mostra para o olho educado. Por isso, se você prestar atenção na luz solar, será capaz de escolher um refletor e onde colocá-lo.

Por isso, ainda de acordo com Gerbase, a parceria entre diretor de fotografia e diretor deve ser a mais estreita possível. E foi exatamente o que aconteceu nas duas principais séries que dirigi e assinei também roteiro e pesquisa (junto com outros profissionais, caso de Tárík de Souza, na primeira), quando trabalhei com o experiente diretor de fotografia Rodrigo Sampaio. Foram elas: “100 anos de samba”, exibida em 2014 pelo Canal Brasil; e “Os anos 80 estão de volta”, exibida também em 2014 pelo Curta! e em 2017 pelo Viva.

Rodrigo Sampaio já tinha grande experiência com televisão quando nos encontramos. Havia feito a direção de fotografia da telenovela “Além do Horizonte” (Globo, 2013), e dos programas “Quebra Cabeça” (GNT, 2011) e “Limites Humanos” (Space HD, 2011); e integrado à segunda unidade de captação do programa “Caldeirão do Hulck” (Globo, 2006 a 2010).

A ideia das duas séries era contar, no caso de “100 anos de samba”, um século do principal ritmo brasileiro através do depoimento de estudiosos e de seus principais praticantes; e, no de “Os anos 80 estão de volta”, as diferentes manifestações artísticas realizadas no Brasil na década de 1980, com destaque para música, cinema, literatura, artes visuais, teatro e a própria televisão. Para chegar a esse resultado, nos valem do que Sérgio Puccini aponta, no livro “Roteiro de Documentário” (Papyrus, 2012), como sendo os três principais grupos referentes, inicialmente, ao conjunto das imagens. Ou seja, imagens obtidas por meio de registros originais; imagens obtidas em material de arquivo; e imagens obtidas por meio de recursos gráficos.

Como nas duas séries foram coletados mais de 100 depoimentos cada, o principal destaque foi dado aos relatos orais dos entrevistados, era preciso obter uma unidade visual marcante, que se contrapusesse às imagens de arquivo, de

fontes e qualidades bastante variadas. Por isso, foi necessário um cuidado bastante especial com a escolha dos cenários (como não tínhamos um diretor de arte caberia a mim como diretor, em comum acordo com o diretor de fotografia escolhê-los na casa dos personagens ou em estúdio) e, principalmente, com a direção de fotografia.

A direção de fotografia das duas séries foi pensada para realçar o conteúdo do discurso dos depoimentos que estavam sendo dados. O objetivo principal do diretor de fotografia foi desenhar uma luz que evidenciasse a importância das histórias que estavam sendo contadas pelos artistas. Para facilitar o processo de edição, foram usadas duas câmeras cânon 5D (uma com um quadro mais aberto e outra com um quadro mais fechado, no rosto do artista) munidos de duas lentes bem luminosas, para chegar na profundidade de campo semelhante ao da linguagem cinematográfica.

O desenho de luz era pensado de maneira que a luz incidente sobre o rosto do artista fosse numa cor mais alaranjada, para trazer humanidade ao depoimento, e o contra luz mais duro em tons azulados, para replicar uma atmosfera de fogueira/luar.

O maior desafio do ponto de vista da direção de fotografia era quando os depoimentos eram realizados nas casas dos personagens. Sempre tivemos muito cuidado para não invadir demais o espaço do artista em seu lar, mas também tínhamos que defender ao máximo a estética como diferencial do projeto. Inúmeras vezes a equipe se transformou em peritos de empresas de mudanças, pois modificávamos inteiramente a casa do artista para gravar o depoimento. Além disso, não havia visita prévia à locação e nem escolha do horário de gravação, portanto o maior desafio era também o maior prazer: chegar em uma locação que era ao mesmo tempo a casa de um dos seus ídolos e o set de filmagem que eu tinha que entregar em 20 minutos.

Foram dois projetos que deram imensa alegria a todos da equipe em realizá-los, pois, além da liberdade estética que foi dada, os depoimentos eram quase sempre com algum ídolo de infância e/ou adolescência da maioria. Sem falsa modéstia, é possível verificar esse resultado na tela, inicialmente, da televisão e agora da Internet e dos canais de streaming. As séries estão disponíveis no Youtube e na Globosat play. E servem como exemplo do quão a fotografia é fundamental na realização de séries de documentários.